

MULHER NÃO JOGA FUTEBOL NO ‘PAÍS DO FUTEBOL’?

Questões sobre a invisibilidade e o silenciamento de histórias de mulheres futebolistas no Brasil.

Enny Vieira Moraes¹

No atual trabalho objetivamos apontar para a inserção da mulher no futebol brasileiro, cuja prática sempre foi exercida pelas mulheres, com registros que vão desde o início do século XX, prolongando-se e ampliando-se até os dias de hoje, anulando a compreensão “convencional” de que mulher não joga futebol. Para isso, nos apoiamos em estudos que, com base na mídia impressa e na oralidade, demonstram essa participação e permanência. Contrariando totalmente a visão convencional de que “mulher não joga futebol”, percebemos que tal inserção se deu sobre a forma de resistência e rompimento com obstáculos que historicamente marcaram o futebol das mulheres no Brasil. Quebrar esse silenciamento é desvelar outras questões que destacam o empenho masculino em manter o futebol como uma reserva a exaltar exclusivamente sua virilidade.

Palavras-Chave: Futebol Feminino, Mulher, História.

Podemos perceber que vários são os trabalhos acadêmicos² que trataram de mostrar as conquistas das mulheres no século XX, período de grandes mudanças no contexto sócio-histórico, não apenas na sociedade brasileira. A inserção definitiva da mulher em áreas anteriormente consideradas masculinas, mais especificamente no mercado de trabalho, como em empresas, em universidades, além de sua permanência no espaço público foram algumas de suas inegáveis conquistas, consequência da luta e engajamento de mulheres que questionaram e a autoridade masculina e o lugar da subserviência que, teoricamente lhe era destinado.

No entanto, a conquista de lugares no espaço público se deu como consequência das lutas e do engajamento das mulheres, complementadas por diversas formas de resistências, forjadas cotidianamente nos espaços entreabertos diante das contradições sociais tão presentes nas inter-relações entre seus sujeitos. Assim, formas de violências contra a mulher foram sendo suplantadas e uma das mais importantes foi a resistência feminina em se perceber como um ser inferior em relação ao homem, passando a não se compreender como um ser que, a esse último, deveria obediência irrestrita, rompendo como a compreensão dela mesma enquanto um ser fragilizado, dependente, infantilizado, ou seja, como um ser menor.

Mas tal rompimento com essa concepção de ser mulher não foi nada simples, principalmente porque significava ir contra as teorias positivistas e aos princípios religiosos que justificavam a passividade e subserviência como aspectos da feminilidade desde o século XVIII. Sair do lugar da mulher frígida, nervosa, passiva e dependente foi

o resultado de muita atitude que revela a luta das mulheres em tomar seus destinos e quebrar mordanças e correntes que historicamente objetivavam dominar seu corpo, seu pensamento, e sua alma.

Ao passo que barreiras históricas foram sendo ultrapassadas, concomitante e contraditoriamente também outros novos espaços começaram a serem abertos à participação das mulheres. E, ao tempo que se percebiam em outros locais sociais, estas quiseram fazer-lhes seus lugares de pertença. Esse, indubitavelmente foi o caminho trilhado pelas mulheres também no mundo dos esportes, especialmente naqueles considerado masculinos ou masculinizantes, como é o caso do futebol.

No Brasil, a trajetória percorrida pela mulher para se inserir no espaço futebolístico pode ser considerada emblemática no que diz respeito a superação de obstáculos. No futebol brasileiro, foi superando barreiras principalmente contra o preconceito e a absoluta falta de estrutura que as mulheres foram criando formas de resistência para ocupar e permanecer nesse lugar. Por outro lado tais obstáculos procuraram inviabilizar sua permanência, especialmente por ser esse espaço considerado “naturalmente” de domínio dos homens.

Nesse sentido e, reafirmando a invisibilidade sobre o futebol feminino brasileiro, temos consciência de que ainda são necessários esforços e estudos que aprofundem nosso conhecimento acerca da história desse esporte. Assim também, é necessário conhecermos de que forma a trajetória da mulher no futebol foi construída, quais atrizes sociais protagonizaram essas histórias, já que a oficialidade tratou simplesmente, de desconhecê-las, de modo que o jargão “futebol é coisa pra macho” se consolidou tanto no senso comum, quanto para a própria academia até bem pouco tempo.

Nessa linha de raciocínio podemos passar a compreender que a obscuridade e o silenciamento foram impostos ao futebol das mulheres, como se essas tivessem escolhido se esquivar dessa história. No entanto, é preciso ressaltar que, ao contrário do que está colocado, essa relação sempre existiu, principalmente desde o início do século passado, embora seja pouco conhecida, reflexo da compreensão naturalizada de que “mulher não joga futebol”. Sobre esse aspecto, novas pesquisas apontam para a construção e o estabelecimento dessa relação, como poderá ser observado daqui por diante.

Mulher joga futebol no “país do futebol”?

Fragmentos dessa história.

Em distintos períodos de nossa história estudiosos/as e pesquisadores/as começaram a identificar a participação feminina no futebol feminino do brasileiro. Aqui, identificamos fragmentos dessa participação como poderá ser observado.

Em seus estudos, Moura³ apontou, através de jornais paulistanos, para a realização da prática do futebol pelas mulheres já durante os anos de 1913 e 1921. Tratava-se de partidas beneficentes ocorridas na capital paulista, cujos jogos ocorriam informalmente

envolvendo mulheres. Nesse mesmo período, no site do Guarani Futebol Clube de Campinas⁴, é possível identificar informações sobre partidas de futebol, ocorridas em circos, realizadas entre mulheres e homens travestidos de mulheres também no ano de 1913, o que denota o caráter excêntrico dessa prática.

Na década de 40 essas atividades foram identificadas por Goellner⁵ na cidade do Rio de Janeiro. Sobre os jogos de futebol feminino Hollanda Loyola, jornalista da época já questionava: “Pode a mulher jogar futebol?”. Tal questionamento era interpretado de forma natural para a época já que no citado período o futebol das mulheres surgia como algo inusitado e mesmo excêntrico. Essa excentricidade era justificada pela visão médico-positivista, através da qual os médicos definiam o corpo feminino como frágil e inadequado alguns esportes, portanto, “incompatíveis com sua natureza”, ou melhor, com sua condição de reprodutora. No entanto, o mesmo jornalista já advertia: “Mais uma conquista de Eva...o futebol.” E continua: “(...) uma prática cuja paixão há muito percorre os corpos femininos.”

Em 1950 essa mesma prática foi identificada na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul⁶. Nessa localidade, a população já havia tido a possibilidade de contato com exibições dessa prática no Circo Queirolo, reforçando o caráter exótico que era atribuído ao futebol das mulheres. Na mesma região, na cidade rio-grandense de Pelotas, em 1950 foram criados os times de futebol feminino do Vila Hilda Futebol Club e o Corinthians Futebol Club, que também mantinham seus times masculinos. Tais equipes femininas já demonstravam certo grau de organicidade, cujos times eram compostos por jovens jogadoras com uma faixa etária entre 13 e 18 anos. As moças integrantes desses times pertenciam a classe média baixa e residiam nos próprios bairros onde os clubes estavam situados. Os treinos das equipes eram conduzidos por jogadores ou ex-jogadores dos times masculinos dos citados clubes, que assumiam a preparação técnica dos times femininos. Note-se que já se registrava o interesse da população que animadamente assistia e vibrava com as jogadoras, como se pode verificar nas matérias de jornalísticas da época. Com o crescimento do interesse pelas partidas, jornalistas da época começaram a registrar esse fato em suas publicações. Com a propagação dessas notícias através da imprensa da época, a realização do futebol na cidade de Pelotas ficou conhecida e, entre maio e novembro daquele ano, aumentava cada vez mais a repercussão do fato. Assim essa história chegou ao conhecimento de membros do CDN, o que provocou a aplicação da do Artigo 7º da Lei 3.199/41⁷ e conseqüentemente o fim dos jogos e dos times de futebol das mulheres.

Nos anos de 1960⁸ ficou registrado o caso da cidade mineira de Araguari no interior mineiro. Tal iniciativa se deu numa escola da cidade na qual a diretora, Dona Isolina resolveu criar times femininos de futebol para angariar fundos para sua instituição. O sucesso de público foi intenso e outras partidas começaram a ocorrer entre times femininos de Araguari contra times de outras cidades. Com a ampliação do interesse de público, as garotas brasileiras foram convidadas para uma partida internacional, impedida por força do Artigo 7º da Lei 3.199/41, o que provocou igualmente o fim das partidas e dos times femininos.

Entretanto, paralelamente ao surgimento do futebol feminino brasileiro, considerado como uma prática inusitada ou mesmo exótica, começaram a surgir formas de repúdio a adesão feminina a essa prática. Se por um lado durante a década de 40 os médicos reafirmavam ser impróprio e até mesmo prejudicial ao corpo feminino a realização desse esporte, por outro, surgia uma forte crítica e mesmo zombaria ao esporte propagadas por jornais da época. A partir daí, o que se seguiu foi um grande movimento que objetivou excluir a mulher desse esporte e evitar sua popularização, como afirma Franzini⁹:

Todas as reações a esse movimento (do futebol feminino) foram no sentido de colocá-las ‘no seu devido lugar’, banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, suas presenças nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que nesta, seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens ‘construírem a nação’.

Podemos compreender que começava a surgir um forte movimento que se opunha ao futebol das mulheres impulsionado pela compreensão de que esse esporte não deveria ser um espaço para a mulher. Como afirma a citação acima, o espaço público era um espaço com limites para elas, no qual o universo dos esportes se configurava como um ambiente que deveria servir para a exaltação da virilidade e masculinidade. A mulher nessa reserva masculina deveria, no máximo, ocupar o lugar de expectadora, como também na esfera política, naturalmente ocupada por homens.

Em matéria do site do Globo Esporte também se pode observar que para as mulheres, na década de 50, o espaço do futebol reservava outra função que extrapolava o singelo local de assistente dos duelos entre os homens: elas podiam – e deviam – ocupar o lugar de “musas do futebol”. Assim, relatou o repórter Marcos Vera que em 1955 existiu o torneio intitulado “Miss Campeonato”, transmitido pela antiga TV Paulista, vencido na época, pela vedete Carmem Verônica. Assim é iniciada precisamente a matéria intitulada “Carmem, a musa de ontem; Nicole, a musa de 2007: beleza e charme no futebol”¹⁰:

Juntar mulher bonita e futebol – duas das maiores paixões dos brasileiros - não é novidade hoje, ontem, nem anteontem. Desde os tempos heroicos da TV e do rádio, esta maravilhosa combinação diverte e anima a galera, como comprovam os livros e arquivos da época. Ou seja, a promoção Musas do Brasileirão...

Como precisamente afirmou o autor mulher bonita e futebol se configuravam e ainda hoje se constituem como complementos que unidos caracterizam as maiores paixões dos brasileiros, principalmente pelo fato de que, quando a mulher ocupa o lugar de mulher objeto, especialmente no futebol, referenda o lugar social que lhe foi reservado. Isso significa reafirmar antigas concepções sobre a mulher e o lugar que deve ocupar: apenas

coroando os vencedores e ainda – servindo-lhes como prêmio a ser tomado e consumido.

No entanto, contrariando tal concepção, a mulher foi construindo seu espaço nesse esporte, criando para isso formas de resistências fundamentais para ajudar a driblar o preconceito e a falta de estrutura para seu futebol. Em 2008, a partir das pesquisas realizadas no processo de doutoramento, podemos identificar várias jogadoras de futebol no sudoeste baiano. Desde a década de 70, identificamos times de futebol feminino que se espalharam pelo estado, principalmente a partir da década de 80. Nessa mesma pesquisa, tivemos o privilégio de entrevistar a ex-atleta de futebol Solange Santos Bastos, a Soró que chegou a atuar na Seleção Feminina de Futebol. Através das histórias e da memória dessa ex-jogadora, nascida no interior baiano de Feira de Santana, podemos relatar um pouco sobre a história da Seleção, através de seus depoimentos e de jornais e revistas da época, gentilmente cedidos por essa depoente.

Através dos relatos das jogadoras baianas, pudemos identificar como formas de resistência foram sendo forjadas por elas para poderem permanecer jogando. Resistir nesse espaço significava conseguir dinheiro para o time, conseguir patrocínio, vestimentas, alimentação, apoio técnico, etc., ou seja, toda a estrutura para a existência dos times. Precisavam inclusive encontrar meninas para integrar esses times, já que pais e mães eram contrários a participação de suas filhas, pois naturalmente compreendiam o futebol como um espaço naturalmente masculino.

Foi também com base na pesquisa que desenvolvemos que identificamos que o futebol, como disse o jornalista citado anteriormente, Hollanda Loyola, é uma paixão que percorre, há muito, o corpo feminino. Assim, no interior baiano percebemos a expansão desse esporte, como em outros estados espalhados pelo país, principalmente a partir dos anos 80. Essa expansão também se deu no futebol de salão feminino que, na década de 90, tinha times representando diversos estados, e inclusive nas décadas de 80 e 90, identificamos a realização de campeonatos estaduais e nacionais das duas modalidades.

Com base nos depoimentos para a pesquisa, auxiliados pelos jornais e revistas cedidos pelas ex-atletas podemos verificar registros históricos importantes que mostravam, inclusive, a adesão das torcidas às partidas realizadas pelas mulheres. Essa adesão culminava com um enorme sucesso de público e de renda às diretorias e donos dos times, o que não significou que essas mulheres tenham ganhado reconhecimento, ou mesmo dinheiro para atuarem no futebol.

Ainda há que se afirmar, com base nas reportagens às quais tivemos acesso, que em 1988 surgia a primeira Seleção Feminina de Futebol, naquele período composta basicamente pela equipe carioca do Radar, time que, podemos dizer, iniciou a história da Seleção, mas que os registros a seu respeito são pouco conhecidos. Outro dado importante sobre esse período é o da transitoriedade na permanência desses times, pois com seu encerramento, as atletas tinham que migrar de cidade em cidade, buscando novos espaços de atuação. Mesmo assim, com todo o empenho das mulheres em

permanecer no futebol, essa nunca foi prioridade dos dirigentes que viam no futebol masculino seu principal foco de atenção e investimento.

A invisibilidade como lócus do futebol feminino no Brasil.

Como já foi dito, as iniciativas das mulheres em permanecer no meio futebolístico em nosso país ocorreu paulatinamente, sob a forma de resistência, opondo-se a diversas barreiras como a falta de investimento, de estrutura e credibilidade, pois a seu futebol nunca foi prioridade. Vale dizer que todos os times que descobrimos na pesquisa, sem exceção, times tiveram uma breve carreira, como foram breves várias carreiras de excelentes e brilhantes atletas que, sem times para jogar e precisando criar formas de sobrevivência, desistiram do esporte.

Com o fim de suas carreiras, foram igualmente silenciadas durante vários anos essas e outras histórias. Então, cabe aqui a pergunta: por que no país do futebol, mulher não pode praticar esse esporte? Quais os elementos basilares que provocaram a invisibilidade da mulher futebolista no Brasil? São questões que ainda não tem muitas respostas, mas podemos começar a pensar em apontar alguns aspectos na tentativa de solucionar esses questionamentos:

Na Revista Abril de 2010¹¹, por meio do depoimento de dois importantes técnicos do futebol masculino brasileiro, foram apresentados dados comparativos de rendimento em campo entre a atleta Marta Vieira e Cacá afirmando que, em alguns fundamentos do futebol, há a equiparação entre homens e mulheres. As características físicas hoje equiparadas entre atletas de ponta do futebol masculino e feminino são: habilidade de domínio de bola e velocidade ou arrancada com a bola, o que prescinde da explosão muscular, portanto de força (principalmente) dos membros inferiores, aproveitamento na finalização de chutes a gol, capacidade de definir a partida e força muscular. Isso significa que fisicamente as mulheres estão aptas a essa prática, como a dividir a fatia da arrecadação com o futebol masculino, o que certamente, não interessa nem a jogadores, nem aos dirigentes, os conhecidos cartolas.

No Brasil, a relação futebol e mulher sempre foi marcadamente aceita pela forma preconceituosa em associar a figura feminina a mulher objeto. Nesse sentido, seria demais fazer alusão às chamadas e conhecidas “marias-chuteiras” da atualidade? Note-se que o concurso citado anteriormente, que ocorria desde a década de 50, pelo menos até 2007 continuava a ser naturalmente promovido e consagrado pelo mesmo site que expôs a matéria em questão.

Assim, consolidam-se duas questões que refletem e permeiam as problemáticas que envolvem o futebol feminino brasileiro: uma que está atrelada a falta de financiamento para os times e para as atletas para que elas, de fato, possam construir carreiras dignas e consolidadas; a outra que define o preconceito como uma importante barreira ainda a ser superada pelas mulheres. Ressalvamos que essa última não se vincula apenas ao espaço do futebol, mas ao espaço social, já que é essa visão

conservadora e machista que define que o espaço da mulher no futebol tem que ser nas arquibancadas, ou como objeto de uso ao bel prazer masculino.

Com tudo isso, acreditamos que mais do que as mulheres perderam no que diz respeito ao futebol como um espaço de atuação social perdeu nossa sociedade em permanecer atrelada a valores que nos diminuem e nos traduzem como pessoas capazes de compreender a própria sociedade diante de sua dinamicidade e pluralidade. Para avançarmos na direção de uma sociedade mais justa e humana práticas como o preconceito e a visão diminuída da mulher que a julga como um ser incapaz precisa urgentemente de mudança. Mas contraditoriamente foi essa mulher que mesmo diminuída por sua natureza, seja no espaço público ou no espaço doméstico, que vem historicamente resistindo a imposições e pressões sociais, brigando para conquistar seus sonhos e realizações. E uma prova disso é que o futebol das mulheres permaneceu e permanece mostrando, inclusive, inúmeros talentos por todo o Brasil. E para finalizar, fica a pergunta: quantas Martas o Brasil deixou de conhecer?

¹ Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: ennymoraes@hotmail.com.

² RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. *Cadernos AEL/IFCH/ UNICAMP* (1995/1996), Campinas, n. 3/4. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf. Acesso: dezembro de 2011. SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas "femininas". In: São Paulo, *Rev. Perspectivas*, vol.15, nº 3, July/Sept 2001, endereço eletrônico: <http://www.dx.doi.org>. Acesso: março de 2012.

³ MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como reserva masculina. In: *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, p. 131 – 147, 2005.

⁴ É possível verificar tal informação no site do Guarani Esporte Clube no seguinte endereço eletrônico: <http://www.guaranifutebolfeminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.html>. Acesso: agosto de 2009.

⁵ O importante artigo produzido por Goellner é, provavelmente, um dos primeiros da educação física brasileira que discute a inserção da mulher no futebol. Ver: GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 2000.

⁶ RIBO, GUIDOTTI, THEIL & AMARAL. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Campinas, v. 29, n. 03, p. 173 – 188, 2008.

⁷ Inúmeros trabalhos científicos citam a Lei 3.199 criada em 1941 que também pode ser consultada no site: http://justicadesportiva.uol.com.br/jdlegislacao_historico.asp. Acesso: março de 2012.

⁸ A matéria intitulada “As pioneiras do futebol feminino no Brasil” pode ser vista no site: <http://video.globo.com/videos/busca/07959=futebolfeminino>. Acesso: março de 2009. Além da exibição nesse programa partes dessa mesma matéria pode ser encontrada na Revista Cláudia, de março de 2010.

⁹ FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315 – 328, 2005.

¹⁰ Matéria retirada do site do <http://www.globoesporte.com>, Rio de Janeiro. Acesso: dezembro de 2007

¹¹ Revista Abril de 2008, Matéria Especial sobre as Olimpíadas de Pequim. Depuseram nessa Revista Muricy Ramalho Carlos Aberto Parreira, que pontuaram numa escala de 0 a 10 os atletas Marta Vieira e Cacá, na época eleitos pela FIFA os melhores craques do mundo.